



“EI PROFESSOR, TU É?”: PERCEPÇÕES QUE CIRCUNDAM UM (FUTURO) PROFESSOR DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DISSIDENTE DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Eixo Temático 50 - (Bio)docências e pedagogias de sexualidade, corpo e gênero: diálogos interdisciplinares

Weuller de Oliveira Santos ¹
Tiago Amaral Sales ²
Rita Paradedda Muhle ³

RESUMO

O processo formativo no chão da sala de aula é construído por experiências e situações não ensinadas na universidade, incluindo percepções dos alunos sobre a sexualidade dos professores. Questionamos como os aprendizados nos preparam para indagações que atravessam outros campos da vida docente, como corpo, gênero e sexualidade. Este trabalho utiliza pesquisa autobiográfica para refletir sobre vivências do primeiro autor, homem cisgênero negro e gay, em estágios obrigatórios no curso de Licenciatura em

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, euweullersantos@gmail.com;

² Professor Adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU), tiagoamaralsales@gmail.com;

³ Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Diversidade e Conservação da Fauna pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da PUCRS. Pós-doutora em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC - UFRPE). Professora Adjunta no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, rita.muhle@upe.br;



Ciências Biológicas. São analisadas as percepções dos estudantes e questões como: “o professor tem um jeitinho”, entre outras. A sexualidade, parte da subjetividade, permeia o ambiente escolar e pode contribuir para debates sobre diversidade. Vivências docentes envolvem características pessoais que podem ser questionadas, discriminadas ou respeitadas, e este trabalho busca investigar estas questões.

Palavras-chave: Professor Dissidente; Sexualidade; Estágio Supervisionado; Diversidade; Identidade Docente.

INTRODUÇÃO

Quantos atravessamentos permeiam a nossa constituição enquanto professores e professoras? É a partir dessa questão que colocamo-nos a pensar na potência de revisitar as nossas vivências com olhares atentos para o que nos marca e constitui enquanto sujeitos.

As vivências na escola nos marcam de inúmeras formas, seja durante os nossos processos de escolarização no ensino infantil, fundamental e médio, seja ao retornarmos nos cursos de licenciatura durante momentos variados e, enfim, ao graduar-nos, retornando como professores. Este trabalho foca nas experiências que aconteceram durante um estágio supervisionado em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.

Entender a diversidade como um eixo essencial no contexto escolar tem sido uma atividade rotineira dentro do percurso formativo. Desde que entramos na universidade até o momento da vivência do estágio somos confrontados pelas nossas experiências passadas e presentes, sobre a pluralidade no chão da escola.

Consequentemente, somos também parte dessa multiplicidade, são muitos jeitos, cores, sexualidades, gêneros, corpos e vivências. Dimensões, essas, que se atravessam entre o esperado e não esperado, os expostos e o escondido, o normalizado e o discriminado, são algumas das visões dicotômicas circundando a formação e existência dos professores, se profissionalizando nos estágios.



Ademais, o estágio supervisionado ou obrigatório, enquanto componente curricular não está no campo apenas da preparação dos estudantes para o exercício em sala de aula, mas a reflexão diante dos elementos presente nessa ação — universidade, escola, supervisor, estagiário — no sentido, na missão e no objetivo em ser professor na sociedade (Pimenta; Lima, 2013). Assim, as integralizações de todos os elementos precisam propiciar uma vivência sobre a realidade dos professores na educação básica brasileira.

Nesse sentido, a “preparação” recebida durante os estágios se restringem tantas vezes às concepções didáticas das dimensões que permeiam o ensino e a aprendizagem. Percebemos, então, uma lacuna durante a formação de futuros professores e professoras sobre temáticas que também fazem parte do cotidiano na escola. Ou seja, nossa formação, por vezes, pode carecer de elementos fundamentais para compartilhamento e fomento do respeito à diversidade, nos limitando ao conteúdo programático.

Outrossim, as indagações sobre as subjetividades envolvidas dentro da escola, algumas vezes, são palco. Umas são discutidas, outras não, e no campo das que não, na maioria das vezes, a sexualidade se dissipa na possibilidade de ser pensada em sua complexidade em sala de aula. As questões sobre sexualidade abrangem os campos sociais, históricos, psicológicos, biológicos, culturais e antropológicos, o que fundamenta a sua importância de exposição na escola.

Sendo assim, compreendemos as narrativas autobiográficas como mecanismo para contar a história a partir da ótica do primeiro autor sobre sua formação e maneiras de abordagem adotadas durante o questionamento de estudantes sobre a sexualidade. Refletimos nessas narrativas a partir das contribuições de Maknamara (2016) ao compor suas histórias com ambientação e títulos como pequenas cenas, entendendo a narrativa autobiográfica não somente como uma análise da narrativa, mas também, uma observação sobre a relação narração-narrador (Marques; Satriano, 2017), tecendo sobre as histórias entendendo sua dimensão social (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011) e fundamentando-se, também, em Nóvoa (1992), Josso (2006), Delory-Momberger (2006).



METODOLOGIA

A abordagem metodológica escolhida para o presente trabalho é a narrativa autobiográfica (Nóvoa, 1992; Josso, 2006; Delory-Momberger, 2006; Passeggi; Souza; Vicentini, 2011). A narrativa é construída pelo primeiro autor, sendo revisada, discutida e socializada entre os três autores deste trabalho. A narrativa consiste com um título, ambientação, contextualização e escrito em itálico, seguido de uma discussão com a literatura utilizada para as noções evidenciadas na narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui encontra-se a narrativa da experiência em estágio supervisionado em escola pública do sertão baiano, discussão e reflexão sobre as percepções dos estudantes sobre as sexualidades e como se dão as construções dos questionamentos da sexualidade docente. Nesse sentido, as perguntas envolvem sentenças como: “ah, o professor tem um jeitinho”, “percebi pela voz”, “o professor é?” entre outras. Elas serão pensadas de modo como afetam tanto a experiência subjetiva quanto a formação do primeiro autor, (futuro) professor de ciências e biologia.

Ei professor, tu é?

Acordei e preparei meu café. Nada mais cômodo como revisar uma hora antes o conteúdo que vai ser discutido em sala de aula. Eu estava um pouco nervoso, pois era a minha primeira vez entre aquelas turmas e eu. Arrumei meus materiais, passei um café e tomei um banho bem gelado. Com medo de perder o ônibus acabei engolindo o resto de pão, enquanto corria para o ponto. O ônibus chegou atrasado, entrei e me acomodei até o percurso na escola.

Na escola, procurei a coordenação e fui direcionado sobre quais turmas iria assumir naquele ano, agenda lotada, turmas do fundamental ao médio. De ciências a biologia. Entre o instinto e o impulso. No caminho para a sala, localizei com os olhos aqueles e aquelas que, talvez, fossem daquela turma de 6º ano. Em sala, sou interlocutor



e telespectador, me apresento e conheço, faço acordos e sou acordado sobre a realidade que possivelmente me espera. Durante essas conversas prévias, as indagações eram conversadas, logo percebi que o foco estava girando no meu jeito de ser. A fala, o gesto, as movimentações, o jeito, as mãos. Tudo que, como em uma somativa, estavam integrando apenas uma constatação entre eles: esse professor é. Mas o que eu sou, aliás? Então durante todas as turmas que passei, fui questionado: O senhor é? e com isso respondia com outra pergunta: Se eu sou o que? Assim, era engraçado as voltas que alguns davam para falar sobre sexualidade, mas alguns eram diretos. Para todos respondi que sim e perguntei se haveria algum problema, a resposta comum foi: não.

Finalizando o dia, saio da última sala e percebo alguns riscos nas paredes e cadeiras palavras como: viado, gay, boiola, bicha. Esses não foram endereçados a mim, mas atravessam um lugar meu que escolhi compartilhar com eles. Talvez seja um ano longo, mas certamente, pode ser um ano de muito aprendizado.

Somos preparados de diferentes maneiras durante os nossos processos formativos. Nos estágios supervisionados temos diferentes vivências, as quais podem ou não acontecer em sala de aula, como abordar determinado conteúdo, qual metodologia usar, como conciliar conflitos, o que pode ser feito para ajudar um estudante com dificuldade em um conteúdo e tantas outras situações pedagógicas. A experiência no estágio aqui autobiografada não foi a primeira. Em outros momentos fui surpreendido com perguntas que se encaixam no bojo pessoal do professor, mas que por vezes, são atravessadas com nosso eu profissional. É nessas situações que podemos ter algumas conversas com os estudantes sobre as situações que também podem atravessar suas existências, uma delas é a descoberta da sexualidade.

Ao ser questionado sobre a minha possibilidade de “ser” tive duas opções bem definidas em minha mente: desfazer da pergunta e não tocar no assunto ou falar sobre e arriscar as reações que poderiam vir. Optei pela segunda, logo eles e elas reagiram de forma positiva, percebi que pelo menos naquelas turmas isso não seria uma questão e que para eles não importava o professor ser gay.



Obviamente, isso parte da ótica de um professor (que é gay) e está à frente da sala de aula, mas e quando estamos do outro lado? E quando somos os estudantes gays? Louro (2013) expõe que a diferença chama a atenção e sendo, por vezes, alvo de comentários discriminatórios. Urge, então, nosso papel docente em interferir nessas situações onde as características pessoais são usadas como centro de ofensas.

Escrevendo essa narrativa, lembro das mais variadas situações, envolvidas nas séries em que lecionei, ou seja, lembro de quando fui estudante nessas séries. As recepções com o diferente, em minha vivência, não foram tão agradáveis, discursos como: viado, bicha, viadinho, boiola, baitola e tantas outras vinham em mente quando escrevia e quando experimentei ali na sala de aula, o que outrora foi xigamento agora ser apenas uma questão. “Tu é?”.

Ademais, podemos pensar que na minha formação no ensino fundamental não se tinha nenhuma discussão sobre sexualidade em sala de aula que permearam as suas complexidades. Então, entendemos que a ausência de abordagem sobre uma característica a qual faz parte do sujeito — exemplo a não abordagem da homossexualidade em escolas (Rios; Barros; Vieira, 2007) — pode contribuir para inferências e noções equivocadas sobre sexualidade. Sendo assim, nesses momentos podemos nos deparar com questionamentos, constrangimentos ou outras situações que envolvem a sexualidade, consequentemente, quando não estamos preparados ou não aprendemos como reagir a situação, podemos ficar condicionados a não abordar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos atravessamentos permeiam a nossa formação inicial docente nos cursos de licenciatura. Os estágios supervisionados consistem em importantes espaços de experimentação da docência e de (re)encontro com a escola. Neles também somos interpelados pelos estudantes e colegas, ressaltando tantas vezes fragilidades de um sistema educativo que pouco tem se preparado para lidar com as dissidências.

Neste trabalho buscamos, a partir das vivências do primeiro autor, percorrer experiências formativas que dizem respeito ao que acontece na escola no retorno durante



os estágios que acontece ao chegar perto de concluir um curso de licenciatura. Percebemos que se demanda um saber teórico, prático e também subjetivo para lidar com os questionamentos, o que deve vir junto de apoio institucional para sentir-se protegido neste espaço de trabalho e de vida.

Com base no resumo expandido apresentado, pode-se afirmar que as vivências relatadas pelo 1º autor mobilizam uma reflexão essencial sobre a constituição da identidade docente a partir de atravessamentos de gênero, sexualidade, raça e corporalidade. Ao trazer à tona questões que emergem das interações escolares — como os questionamentos sobre a sexualidade do professor — o texto revela como a escola ainda é um espaço marcado por normatividades e discursos heterocisnormativos, mesmo quando tais discursos aparecem de forma sutil ou travestida de “curiosidade”. Nesse sentido, é possível compreender a importância de uma formação docente que vá além dos conteúdos disciplinares, contemplando também as dimensões afetivas, éticas e políticas do ser professor.

Autores como Guacira Lopes Louro (1997, 2013) têm sido fundamentais para pensar os modos como gênero e sexualidade se articulam na educação, propondo que a escola seja um dos espaços privilegiados para a manutenção ou subversão das normas de sexualidade e identidade de gênero. Louro defende que os professores não apenas ensinam conteúdos, mas também “performam” modos de ser, o que pode gerar tensões ou acolhimentos dependendo dos marcadores sociais de diferença. Nesse contexto, torna-se imprescindível considerar também os apontamentos Judith Butler (1990), especialmente no que se refere à performatividade e à desconstrução de identidades fixas. Como aponta Butler, as identidades de gênero e sexualidade são construções discursivas e performativas, o que implica dizer que o modo como o professor “é percebido” está imerso em um jogo de significações sociais que se atualizam no espaço escolar.

Além disso, a invisibilidade curricular da temática da diversidade sexual nas licenciaturas é um elemento crítico que também é discutido por autores como Berenice Bento (2008), que destaca os efeitos da heteronormatividade nos processos formativos e nos cotidianos escolares. A ausência de formação adequada para lidar com a diversidade sexual contribui para que experiências como as narradas no trabalho permaneçam à



margem dos debates pedagógicos. A formação docente, portanto, precisa ser repensada de modo a incluir dimensões identitárias e afetivas como parte integrante do fazer pedagógico para que situações como as vivenciadas na experiência enquanto aluno gay e professor gay sejam ressignificadas.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. São Paulo: Garamond, 2008.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 359-371, 2006.
<https://revistas.usp.br/ep/article/view/28015>.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 373-383, 2006.
Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/298/29832212.pdf>.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAKNAMARA, M. Tornando-me um professor de biologia: memórias de vivências escolares. **Educação em Foco**, p. 495-522, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19730>.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.
Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A., (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p. 11-30, 1992.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002276450>.



PIMENTA, S.; LIMA, M. S. L. Diferentes concepções do estágio obrigatório. *In*. GURIDI, V. M.; PIOKER-HARA, F. C. (Org.). **Experiências de ensino nos estágios obrigatórios**. Campinas: Alínea, 2013.

RIOS, P. P. S.; BARROS, E. R.; VIEIRA, A. R. L. Narrativas de vida e formação de professores gays:(auto) biográficas acerca do estranho que habita em mim. **Educação UFSM**, v. 42, n. 1, p. 227-239, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/24915>.